
Dois anos do Circuito Spcine – A rede de salas públicas de exibição na cidade de São Paulo¹

Bruno Gonçalves Simões Cucio²
UNESP – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP

Resumo

O artigo descreve as atividades dos dois anos de Circuito Spcine, fazendo uma análise crítica sobre os objetivos originários do programa e o histórico das ações da rede de salas públicas de exibição audiovisual. Explorando o contexto da empresa da prefeitura de São Paulo, o estudo analisa a criação inédita da rede pública de vinte salas de exibição cinematográfica espalhadas pela cidade, o Circuito Spcine. O programa oferece uma curadoria unificada que é exibida ao público em sessões gratuitas ou a preços populares. A partir da apresentação de dados de todas as 18 mil sessões realizadas pelo programa durante os dois anos de existência e da exposição de depoimentos de componentes da empresa, aprofunda-se em um estudo que relaciona, os motivos e razões pelas quais a rede foi fundada e seus resultados no período abordado.

Palavras-chave

Circuito Spcine; Spcine; política pública cultural; políticas de comunicação, de informação e de cultura.

Introdução

Neste artigo são descritos os resultados de um estudo, que se insere dentro da ótica teórica da Economia Política do Cinema, sobre os dois anos da rede de salas de exibição cinematográfica estabelecida e gerida pela Spcine, o Circuito Spcine. É analisada a curadoria dos filmes exibidos, relacionando a criação da rede e seus objetivos originários com suas ações ao longo dos anos. A pesquisa se apoia na tendência moderna das políticas públicas voltadas ao audiovisual no Brasil, que partir da inauguração da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) no começo dos anos 2000, elabora um pensamento de apoio a toda a cadeia produtiva cinematográfica e não apenas ao elo da produção. Como explicita Ikeda:

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura. XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Artes Visuais do IA-UNESP, email: brunocucio@gmail.com

É possível, verificar o foco industrialista e desenvolvimentista dessa política³, com termos como ‘aumento da competitividade’, ‘indústria cinematográfica’, e ‘autossustentabilidade’. Existe também um foco no apoio da indústria audiovisual como um todo, de forma sistêmica, seja nos elos da cadeia produtiva (produção, distribuição e exibição), seja nos diversos segmentos de mercado. (IKEDA, 2015, p.45)

Esse estudo também se insere no contexto apresentado por Simis (2017, p.85), no qual demonstra como as políticas cinematográficas, o aumento do preço do ingresso e a relação entre o exibidor/distribuidor com o produtor nacional, elitizaram o espectador do cinema, distanciaram o público com menos condições financeiras e corroboraram um movimento das salas de exibição em direção aos *shopping centers*. E ainda podemos complementar com o que aponta Bahia (2012, p.128), que o mercado exibidor brasileiro não consegue absorver a crescente produção de filmes nacionais, não apenas por seu tamanho, mas principalmente por estar ocupado pelo cinema estrangeiro.

Assim, o intuito da pesquisa é analisar e verificar como a política cinematográfica pública da rede de salas de exibição Circuito Spcine se insere e se aplica nos seus dois anos de existência dentro do seu contexto.

A Spcine

Apesar do estado de São Paulo ser o segundo maior produtor de cinema do Brasil, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro, a produção e os recursos provinham de todo o mercado audiovisual (cinema, televisão e publicidade) e de promoções de políticas públicas do âmbito federal. As quantias colocadas pelas secretarias do estado e do município, ainda que de extrema importância para garantir a sobrevivência do cinema paulista, eram consideradas pequenas perto do potencial econômica de São Paulo.

A Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (SMC) organizava com orçamento mínimo, e de forma esparsa ao longo do ano, um número pequeno de editais públicos, que pouco ajudavam as produtoras a realizarem suas obras cinematográficas. Além dos editais para o audiovisual, a Secretaria também realizava a gestão, através de instituições e centros culturais, de algumas salas de exibição, como na Galeria Olido e o Centro Cultural São Paulo, mas não havia uma concepção planejada de programação

³ Aqui Marcelo Ikeda refere-se aos objetivos e competências determinados na MP nº 2.228-1/01, relativa à criação da Ancine.

que pudesse dar conta de uma ação com unidade de pensamento nas propostas realizadas.

Entre 2005 e 2012, o investimento total da SMC no audiovisual paulistano foi de R\$49.290.700,60 (BALANÇO, 2016, p.54), mas não havia a preocupação em contemplar toda a cadeia da área cinematográfica, privilegiando a produção com editais públicos e deixando de lado a distribuição e exibição do produto que havia fomentado. Existia uma crítica do setor audiovisual que julgava que em São Paulo deveria haver um pensamento sobre todo o meio cinematográfico, que considerasse a cadeia produtiva por completo. Como diria Senna, membro do conselho administrativo da Spcine.

Desde o início dos anos 2000, quando o Governo Federal pôs em andamento o projeto audiovisual de grande alcance em curso até hoje, o setor se perguntava porque o município de São Paulo, o segundo maior produtor, não se organizava no sentido de concorrer com o Rio pelo protagonismo – não só porque tinha (tem) poder econômico e capacitação técnica para isso, mas também porque seria altamente benéfico não apenas para São Paulo mas para todo o País. Enfim, em 2015, foi criada a Spcine. (SENNÁ, 2016, p. 23)

Em outubro de 2013 a Spcine foi anunciada, em um cerimônia marcada pelo encontro inusitado dos três níveis de governo: o municipal, representado pelo então Prefeito Fernando Haddad; o estadual, pelo Governador Geraldo Alckmin; e o federal, pela então Ministra da Cultura Marta Suplicy. Além dos representantes dos governos, estavam ali diversos cineastas, entidades e associações setor, como a Associação Paulistas de Cineastas (Apaci), o Sindicato da Indústria Audiovisual do Estado de São Paulo (Siaesp), a Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-Metragistas de São Paulo (ABD-SP), entre outras, que apoiavam a sua criação. A empresa nasce com o intuito de desenvolver, financiar e implementar programas e políticas para as áreas do cinema, televisão, games e novas mídias. Afim de estimular e reconhecer o potencial econômico e inovador do setor audiovisual paulistano e toda sua relevância no campo social e da cultura.

Com R\$25.000.000,00 injetados pela cidade de São Paulo já no ano fiscal de 2014, é fundada a empresa pública que assume a responsabilidade de formular e executar toda a política audiovisual do município concentrando recursos da secretaria municipal de cultura e do Fundo Especial de Promoção de Atividades Culturais (FEPAC). A partir desse incentivo monetário e da centralização de recursos é garantida à empresa uma estabilidade financeira.

Por vir de uma demanda do setor audiovisual paulista, a Spcine é estruturada por três conselhos: o administrativo, fiscal e consultivo. O conselho administrativo é formado por profissionais do setor cultural e agentes do poder público. Este delibera sobre decisões da empresa determina a condução dos negócios e aprovando a programação de suas atividades e sobretudo agindo como órgão fiscalizador. O conselho fiscal é formado por profissionais que tem o objetivo de avaliar e acompanhar as demonstrações financeiras da empresa entre elas o balanço e fluxo de caixa. E o comitê consultivo composto por 17 associações do setor, como: Associação Brasileira da produção de Obras Audiovisuais (Apro), Associação Paulistas de Cineastas (Apaci), Associação Brasileira das Empresas Desenvolvedoras de Jogos Digitais (Abragames), entre outras, sendo um espaço de diálogo entre Spcine e representantes dos diversos segmentos do audiovisual. Conforme afirma Bonduki, vereador da cidade de São Paulo no período:

Não se tratava simplesmente de repassar recursos públicos para a produção de filmes. Fosse para isso simplesmente a criação de uma empresa de cinema não seria necessária. Muitos editais do município, somado aos do estado e da União cumpre uma função de financiamento das produções. Além disso e sobretudo em virtude da ação da Agência Nacional de cinema Ancine através do fundo setorial do audiovisual (FSA), existe atualmente o montante considerável para este elo da cadeia. Porém problema do audiovisual brasileiro hoje não é simplesmente produzir mais filmes. O que não existia era uma política para o audiovisual especialmente na cidade de São Paulo. E foi este o principal objetivo assumido pela Spcine, articulada com a Secretaria Municipal de Cultura, criar um conjunto de ações que visavam fortalecer a cadeia produtiva do audiovisual. A concepção o apoio aos roteiros os documentos projetos passando pela produção a distribuição, que é um elo fulcral, até chegar na exibição, tudo isso passou a fazer parte do papel institucional da Spcine. (BONDUKI, 2016, p.15)

A Spcine surge com o foco para atuar nas três vertentes principais da cadeia produtiva do audiovisual: o desenvolvimento, a produção e a exibição. Logo no início de suas atividades em 2015, elabora um projeto específico para promover para cada uma delas. O investimento na realização de editais públicos voltados para a criação de conteúdos audiovisuais, o lançamento da *São Paulo Film Commission*, um programa que desburocratiza e agiliza a filmagem e a produção no município e, por fim, o Circuito Spcine, uma rede de salas de exibição públicas espalhadas pela cidade, que

com a curadoria de filmes e a gestão da própria empresa, buscam promover a formação de público. Neste artigo nos enfocaremos neste último item.

Materiais e Métodos

A elaboração de dados para a análise do estudo foi realizada a partir de planilhas enviadas pela Spcine, com todas as informações sobre as 18 mil sessões que ocorreram na programação do Circuito no período abordado. Com esses dados, foi realizada uma pesquisa quantitativa com o propósito de verificar as diferenças entre as porcentagens dos espaços dedicados ao cinema nacional e estrangeiro na programação do Circuito.

É importante ressaltar que o recorte definido na pesquisa leva em consideração filmes que entraram em cartaz na programação do Circuito Spcine. Foram retirados da análise de dados as mostras, festivais, eventos, oficinas e cineclubes, pois além de não ser possível saber exatamente toda a programação das diversas mostras, festivais e etc, nesses dois anos, facilita a comparação dos dados dos filmes em cartaz no Circuito com aqueles nas salas comerciais convencionais, sujeitas ao livre mercado. Como a própria gestora de difusão da Spcine, Letícia Santinon, afirma: “A gente recebe essa programação, é uma parceria que vem via SMC ou uma parceria que a Spcine já apoia há muito tempo, como Mostra Internacional de Cinema, Festival de curtas, In-edit Brasil, Mostra Ecofalante. A gente não faz a programação, a gente alinha com eles. A curadoria é deles.”(SANTINON, 2018, p.4). Dessa maneira foram analisadas 14.992 sessões de março de 2016 a abril de 2018 que aconteceram nas 20 salas de exibição da rede.

Foram reunidas entrevistas e depoimentos de componentes da empresa pública na sua formação, afim de aprofundar-se nas intenções do programa na sua criação e seus objetivos originários.

Com essas duas informações em mãos, procurou-se realizar, além de uma descrição delas, um comparativo entre os dois momentos, traçando semelhanças e distancias entre os objetivos da Spcine, relativas ao Circuito Spcine, e o resultado de suas ações.

O Circuito Spcine - Resultados e Discussão

Iniciada em abril de 2016, o Circuito Spcine é o maior complexo de salas de exibição de cinema públicas da América Latina. Sua gama de salas comporta vinte

espaços de exibição espalhadas pela cidade de São Paulo, sendo cinco em centros culturais e 15 CEUs (Centro de Ensino Unificado), que ao longo do mesmo ano foram sendo estruturadas. As salas estão localizadas em 17 das 32 subprefeituras da cidade, sendo seis na zona leste (CEUs São Rafael, Aricanduva, Quinta do Sol, Parque Veredas, Jambreiro e Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes), duas na zona norte (CEUs Jaçanã e Paz), seis na zona sul (CEUs Meninos, Três Lagos, Caminho do Mar, Feitiço da Vila, Vila do Sol e sala Roberto Santos), três na zona oeste (CEUs Butantã, Perus e Vila Atlântica) e três no centro (Galeria Olido e as duas do Centro Cultural São Paulo), que em conjunto contêm uma capacidade de 5.986 lugares.

As salas recebem uma programação regular elaborada de uma maneira única, que pensa a curadoria de todos os espaços conjuntamente, através de uma equipe de programação que analisa o mercado e ouve o público de cada sala, afim de incitar a formação de público. A programação é composta por filmes nacionais e internacionais que estão sendo lançados no mercado comercial, além de mostras, festivais e cineclubes que nascem da iniciativa do setor ou amadores da cinematografia. Como explica Santinon:

A gente leva a programação regular, que são filmes que estão em cartaz no circuito, geralmente na quarta semana, mais ou menos. Na quinta semana, a gente já consegue pegar os filmes e exibir nas nossas salas. Algumas distribuidoras liberam mais cedo outras seguram um pouco mais. Mas a gente tá sempre bem alinhado com o que está passando nos cinemas comerciais normalmente. (SANTINON, 2018, p.2)

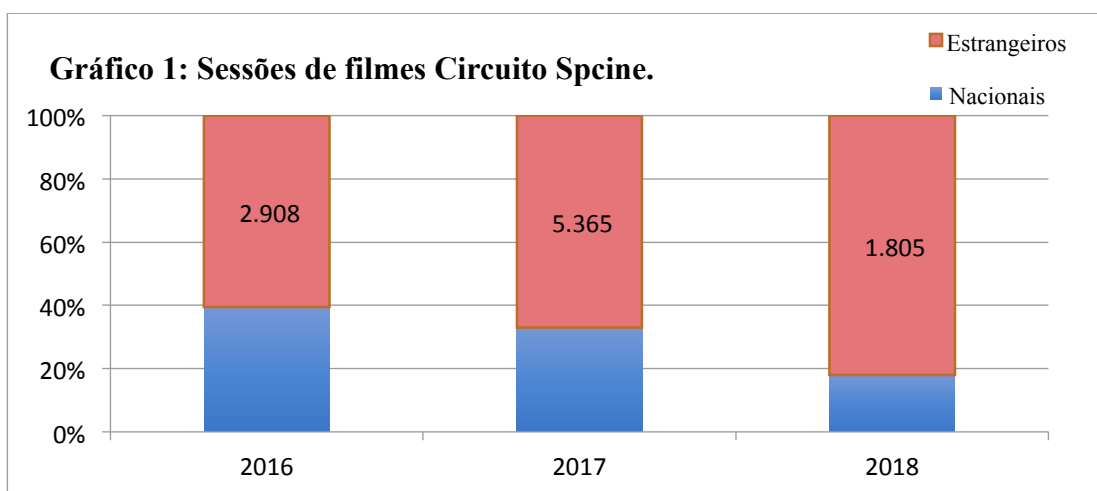
As sessões acontecem de forma gratuita em sua maioria ou a preços populares nas salas mais centrais da cidade (normalmente é cobrado a quatro reais). É importante notar que as salas de exibição do Circuito Spcine oferecem na mesma medida o conforto e qualidade das salas comerciais, tendo projetores audiovisuais de alta tecnologia e o ambiente sonoro devidamente montado.

A formação de público e a criação de espaços para o cinema brasileiro, e por consequência paulista, é o objetivo primordial do Circuito Spcine, visto que, mesmo com imenso aumento de público de 2002 até hoje, o cinema nacional recebeu apenas 9,58% (OCA, 2018) dos espectadores das salas de exibição em 2017, apesar de ter lançado 160 filmes nos cinemas, número recorde em toda história da nossa cinematografia, alcançando 34,5% de todos os filmes lançados no território nacional. Por outro lado o parque exibidor ainda é muito pequeno quando comparado com seu

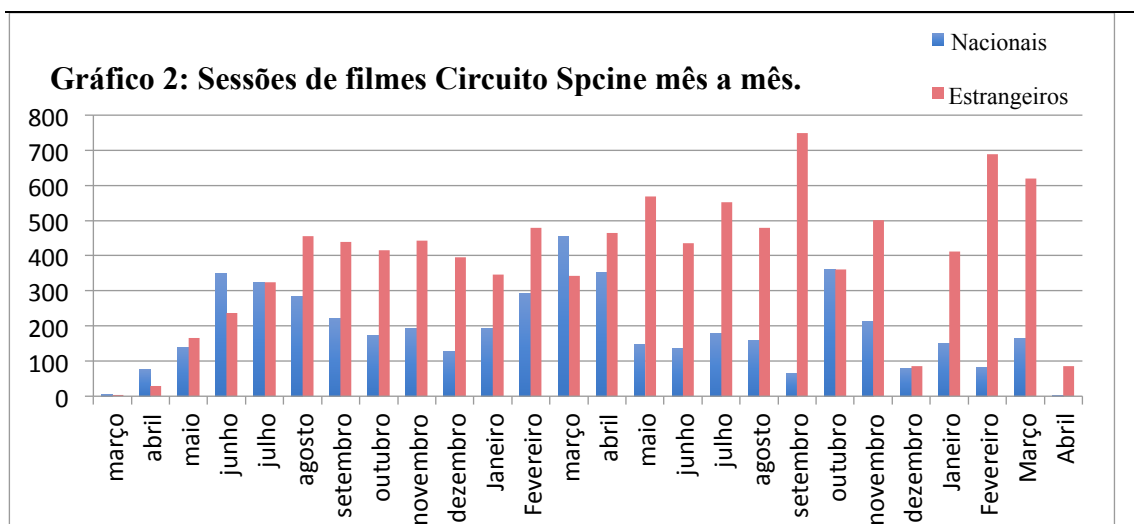
número de habitantes, em 2017 são 3.223 salas de cinema existentes no Brasil, ou seja, 64.431 habitantes por sala. Assim, a iniciativa inédita de ter um circuito público de salas de cinema no Brasil, torna-se relevante, principalmente por não ter que se preocupar ou precaver com o retorno financeiro, podendo programar as exibições da maneira que julgar melhor para alcançar seus objetivos, sem sofrer as pressões que o mercado sofre para ocupar suas salas de espectadores afim de obter o retorno ao seu investimento. Segundo Manevy, então diretor-presidente da Spcine.

A Spcine coordena hoje a maior rede metropolitana de salas públicas do mundo e ela crescer muito mais ainda. Com padrão digital DCP/DCI Dolby, em projeções que nada devem ao circuito comercial. É preciso ir além do fomento à produção e à distribuição em um país que o cinema brasileiro luta para ampliar seu público e tela. Nossa produção ainda não se conectou com a maioria da população além de um grande potencial cultural e econômico porvir. A incorporação de novas 18 salas de cinema no circuito regular e popular levou mais de 220 mil paulistanos, a maioria moradores da periferia, ao cinema, muitos pela primeira vez. E com uma programação atual, diversa e, na maioria das sessões, gratuita. (MANEVY, 2016, p. 11)

Em abril de 2018, o Circuito Spcine completou dois anos de atuação, chegando à marca de 862,5 mil (SPCINE, 2018) espectadores em 17,8 mil sessões realizadas na rede (SPCINE, 2018). O artigo pretende pesquisar a programação desses dois anos, afim de analisar e refletir sobre a compatibilidade entre os objetivos originários da empresa e suas ações.



Fonte: SPCINE, 2018.



Fonte: SPCINE, 2018.

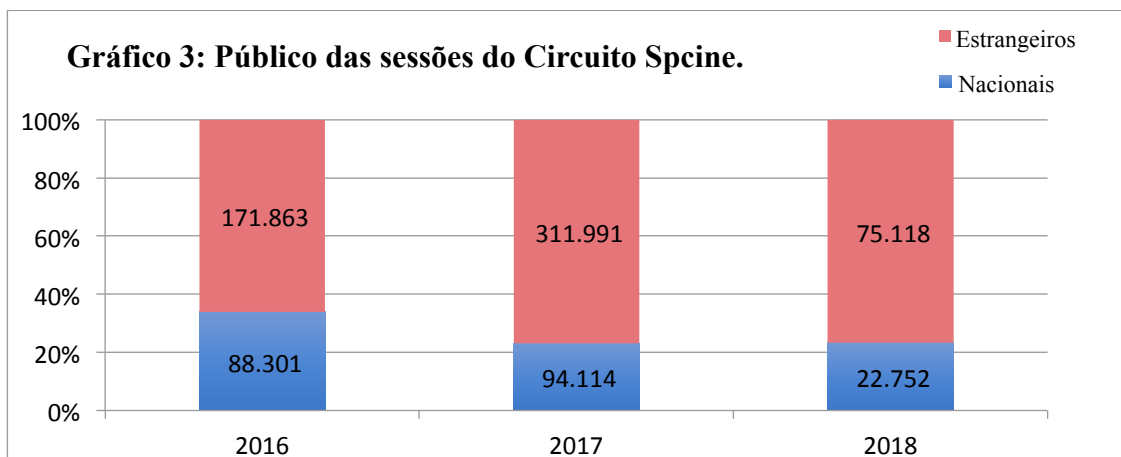
Observando os gráficos 1 e 2, que analisam os dois anos de programação, das 14.992 sessões que ocorreram nas salas do Circuito Spcine, 10.078 foram de filmes estrangeiros e 4.919 de filmes brasileiros, o que representa, em porcentagem, 67% de obras estrangeiros para 33% de obras nacionais. Em 2016, do total de 4.792 sessões, 2.908 de filmes estrangeiros e 1.889 de filmes brasileiros, representando 61% e 39% respectivamente. No ano de 2017, das 7.998 sessões, tivemos 5.365 exhibições de filmes estrangeiros e 2.633 de filmes nacionais, ou 67% de produções estrangeiras para 33% de produções nacionais. Neste ano de 2018, aconteceram 2.202 sessões no total, com 1.805 sessões de filmes estrangeiros e 397 de filmes nacionais, que representa 82% de exhibições de filmes internacionais para apenas 18% de exhibições nacionais.

Nos 26 meses descritos, ficam em destaque os cinco meses: março, abril, junho de 2016, março e outubro de 2017, quando aconteceram mais sessões de filmes brasileiros do que estrangeiros. Na direção contrária se destaca o mês de setembro de 2017, quando o cinema estrangeiro esteve em 92% das sessões da programação do Circuito Spcine.

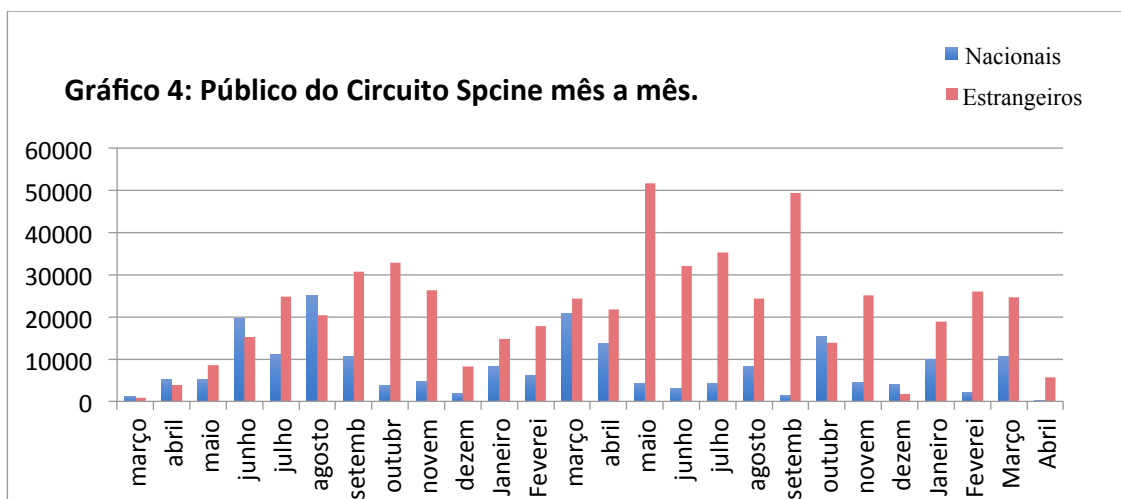
Assim, podemos analisar que houve um aumento na distância entre as porcentagens de sessões do cinema estrangeiro e brasileiro, saltando de 61% e 39% em 2016, para 82% e 18% em 2018, respectivamente.

Os filmes não costumam ficar muito tempo em cartaz nas salas, o que aumenta a rotatividade e variedade das obras exibidas, como exemplifica Santinon:

Nas salas não centrais, ele costuma ficar duas semanas, às vezes três semanas. A gente não estende muito o período nessas salas, porque como é um público da região que vai, e se começa a ficar muito repetida a programação, começa a ficar chato para eles. Eles vão em uma semana tem um filme, se eventualmente se eles perdem, eles conseguem ir na outra semana, mas aí se for para uma terceira ou uma quarta semana, eles já viram tudo e querem um filme recente, então a gente procura trocar a cada duas semanas. Na Olido e no CCSP, também tem um público cativo, mas a gente estende um pouco mais a programação e vai entrando com alguns outros títulos. (SANTINON, 2018, p.3)



Fonte: SPCINE, 2018.



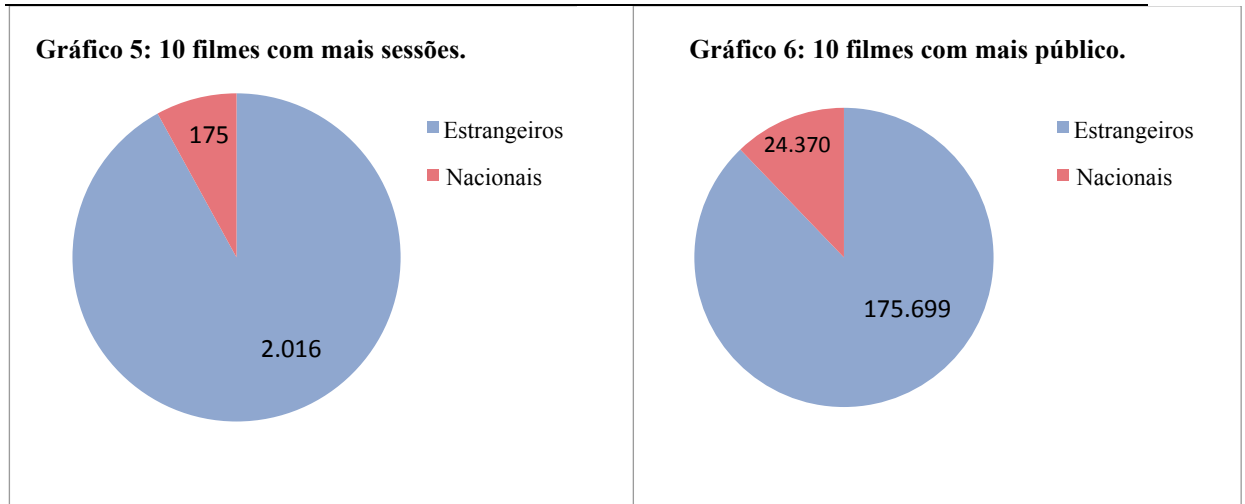
Fonte: SPCINE, 2018.

As salas de exibição da rede obtiveram 764.139 espectadores nos dois anos que passaram. Como demonstra os gráficos 3 e 4, deste total, 73% dos espectadores foram assistir filmes estrangeiros, enquanto 27% foram ver o cinema nacional entre 2016 e 2018. Em 2016, o Circuito Spcine teve um público de 260.164 espectadores, sendo 66%

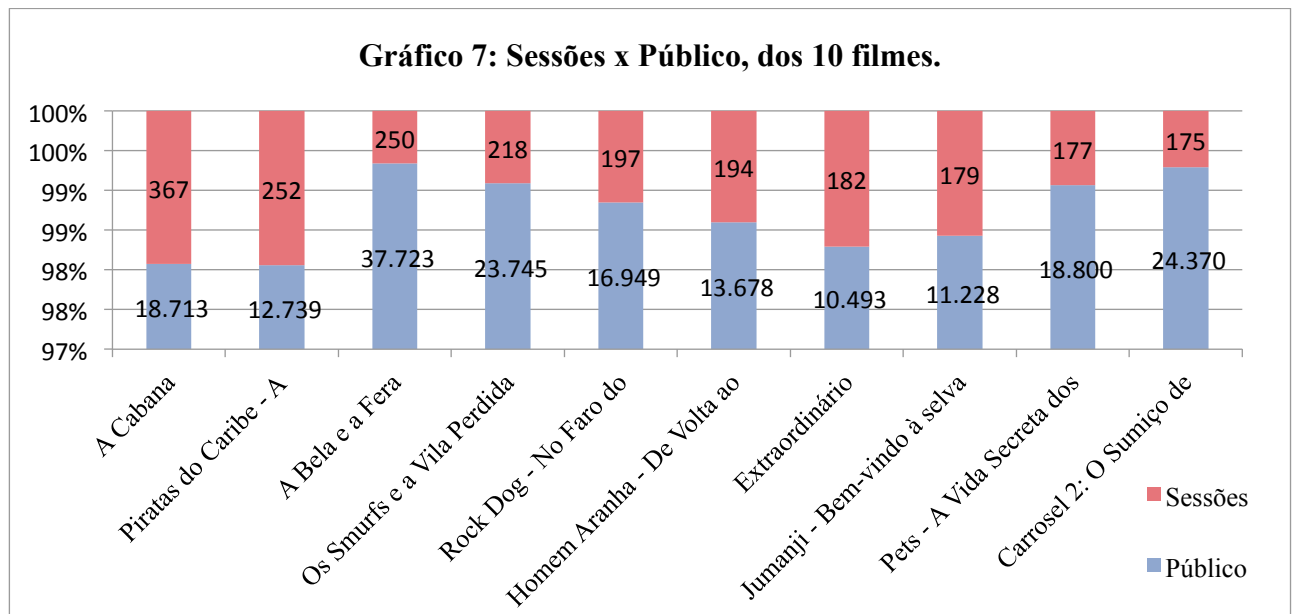
para o cinema estrangeiro e 34% para o cinema brasileiro. Já em 2017, a programação alcançou 406.105 espectadores que foram às salas da rede, sendo 77% para assistir filmes estrangeiros e 23% para filmes brasileiros. Nos quatro meses analisados de 2018, 97.870 espectadores foram assistir as sessões, deste total, 77% foram ver as obras estrangeiras e 23% as brasileiras, mantendo a porcentagem do ano anterior.

Destacam-se os seis meses, do total de vinte seis, em que o cinema nacional ultrapassou o cinema estrangeiro, principalmente em agosto de 2016 e dezembro de 2017, quando teve menos sessões, mas um público maior.

Quanto a taxa de ocupação das salas pelo público, ou seja, quantas cadeiras o espectador preencheu em relação ao número total de cadeiras, foi constatado que ao longo desses dois anos, o Circuito Spcine teve uma porcentagem média de 18%. Quando pensamos na ocupação da sala no filme estrangeiro, a porcentagem sobe para 19% e cai para 16% no filme brasileiro. Nos meses de 2016, a porcentagem geral de ocupação foi de 17%, já os nos filmes estrangeiros o número chega a 18% e no cinema brasileiro em 16%. Em 2017, as salas foram ocupadas pelos espectadores em 19% na média geral entre todas as sessões, 22% quando recortamos apenas as sessões de produções internacionais e 13% quando delimitamos no nacional. Nos primeiros quatro meses de 2018, a taxa de ocupação passou para 18%, porém houve uma mudança na relação, tendo os filmes estrangeiros com uma média de 18%, mas as sessões de filmes brasileiros chegaram a uma taxa superior de 19% de ocupação. Essa mudança deve-se a grande diminuição do número de sessões dedicadas ao cinema nacional em 2018, e conseqüentemente, o público também decresceu, mas não quando comparado ao número de sessões, que abaixou vertiginosamente.



Fonte: SPCINE, 2018.



Fonte: SPCINE, 2018.

Conforme os gráficos 5, 6 e 7 quando separamos os dez filmes com mais sessões nos dois anos de programação do Circuito Spcine, nos deparamos com nove filmes estrangeiros e apenas um brasileiro, sendo o primeiro da lista o filme americano “A cabana”, dirigido por Stuart Hazeldine, distribuído pela Paris Filmes e com 367 exhibições. O primeiro filme brasileiro a aparecer na lista é também o décimo dela, com 175 sessões, o filme “Carrossel 2: O sumiço de Maria Joaquina”, dirigido por Maurício Eça e distribuído pela Downtown e Paris Filmes. Se enfocarmos no maiores públicos da programação perceberemos que continuamos na mesma lógica. Dos dez filmes mais

assistidos dentro do Circuito Spcine, apenas um é brasileiro. Sendo o primeiro colocado “A bela e a fera”, filme americano, dirigido por Bill Condon, distribuído pela Walt Disney Studios, que foi visto por 37.723 espectadores, enquanto, “Carrossel 2: O sumiço de Maria Joaquina” é o segundo mais visto com 24.370 espectadores.

Quando analisamos ano a ano, percebemos que em 2016, cinco filmes brasileiros figuravam na lista dos dez filmes com mais sessões: “Carrossel 2: O sumiço de Maria Joaquina” (175), “Pequeno segredo” (123), “Tô ryca!” (115), “Carrossel – O filme” (108) e “Aquarius” (108), sendo o primeiro da lista, o desenho animado americano “Pets – A vida secreta dos bichos” com 177 sessões. Enquanto na lista de público dois filmes também apareciam nos dez mais vistos: “Carrossel 2: O sumiço de Maria Joaquina” com um público de 24.370 e “Carrossel – O filme” com 9.842.

Já em 2017, a lista dos dez com mais exhibições inicia com “A cabana” com o número recorde de 367 sessões. Apenas um filme nacional compõe a lista, “D.P.A. – Os detetives do prédio azul” com 160 exhibições. Na lista dos mais assistidos também encontramos somente uma obra audiovisual brasileira: “Minha mãe é uma peça 2” com 13.071 espectadores. Nos quatro primeiros meses analisados de 2018, acontece o mesmo fato, o primeiro da lista das dez produções com mais exhibições é o filme norte-americano “Extraordinário” com 182 sessões. Somente uma produção nacional configura na lista dos dez mais exibidos, ocupando a sétima posição “Lino, uma aventura em sete vidas”, que teve 121 sessões. Na lista dos dez mais vistos, o mesmo “Lino, uma aventura em sete vidas” ocupa a sexta posição com 8.318 espectadores, mas tem a companhia de “Peixonauta” na nona colocação com 6.977 de espectadores.

Em relação às distribuidoras, a empresa arca financeiramente com as sessões através de acordos feitos com as distribuidoras ressarcindo as semanas em que os filmes foram exibidos. Segundo Santinon:

No começo no Circuito, a gente sentou com todas elas (distribuidoras), apresentou o projeto e como a gente não trabalha com bilheteria, que é o comum dos cinemas comerciais, a gente tem que fazer um valor fechado, a gente paga todos os filmes, tem um investimento, a gente paga o distribuidor, o distribuidor não tem perda disso, porém a gente não repassa isso para o público, é uma política mesmo de incentivo ao cinema. (SANTINON, 2018, p.4)

Ao relacionarmos as distribuidoras entre os vinte filmes com mais sessões, podemos observar que apenas seis empresas aparecem na lista. No total de 3.757 sessões da lista dos vinte filmes, a distribuidora Paris Filmes aparece com 7 produções,

somando 1.392 exibições, em seguida a Sony Pictures, com 5 filmes e 1.018 sessões, em terceiro, a Disney com também 5 filmes, mas com 883 sessões. As outras três distribuidoras, FOX, Downtown Filmes e Califórnia Filmes, aparecem apenas com 1 filme cada, sendo a FOX com 164 exibições e Downtown e Califórnia com 150 sessões.

Conclusões

A partir da descrição e análises dos dados acima, podemos chegar em algumas conclusões relativas aos objetivos originários da Spcine e do Circuito Spcine e as ações efetivadas nesses dois anos de existência.

O Circuito Spcine é sim uma política pública relevante para o audiovisual e para inclusão social, levando mais de 764.139 pessoas de maneira gratuita, ou a preços populares, às salas da rede. Sendo a maioria desses espectadores, moradores da periferia da cidade, onde não chegam as salas comerciais. Como diz Santinon:

Em relação ao público a gente vê um aumento de 12% mais ou menos do primeiro ano para o segundo ano de público, o que significa que as pessoas realmente se apropriaram do projeto, estão indo mais, estão frequentando os cinemas como atividade. Então teve um aumento de público. (SANTINON, 2018, p.4)

Porém, as porcentagens de exibição do cinema brasileiro, permanecem na mesma toada das salas comerciais. Com apenas 33% das sessões sendo dedicadas à cinematografia nacional, o Circuito Spcine não abriu um canal significativo para o audiovisual brasileiro. Menos ainda, para que os filmes de médio e pequeno porte nacionais pudessem veicular de maneira afirmativa nas salas de exibição, estes passam longe das listas dos filmes com mais sessões.

O que verifica-se é que apesar do aumento significativo no número de espectadores das salas do Circuito Spcine, existe um decréscimo percentual nos filmes nacionais exibidos pela rede, ou seja, cada vez se vê mais filmes, mas cada vez menos filmes brasileiros.

Quando analisamos que as taxas de ocupação de salas do cinema brasileiro e estrangeiro percebemos que elas não variam tanto assim, o cinema estrangeiro teve em suas sessões uma taxa de 19% e o brasileiro de 16%. Ou seja, o público não deixou de ir às sessões quando se exibía uma produção nacional, existe uma demanda para ele, porém a oferta de filmes internacionais foi muito maior.

Os números ficam gritantes quando observamos a cessão de sessões para três distribuidoras que são estrangeiras ou tem seu foco no cinema internacional, Paris Filmes, Sony Pictures e Disney, que lançam filmes estrangeiros, chegando à porcentagem de 88% dos vinte filmes com mais sessões.

Com isso podemos dizer que o Circuito Spcine opera na mesma lógica das salas comerciais, sofrendo as pressões do mercado para aumentar ao máximo a taxa de ocupação de suas salas. E para isso se utiliza de filmes estrangeiros e midiáticos, com apelo comercial para atrair seu público.

Assim, o Circuito Spcine cumpre com seu objetivo de ampliar a rede de salas de exibição na cidade de São Paulo, possibilitando que a experiência cinematográfica chegue a milhares de pessoas, que antes não tinham acesso. Mas não cumpre com o objetivo de formar público e ser um canal significativo para o cinema brasileiro.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Lia. *Discursos, políticas e ações: Processos de industrialização do campo cinematográfico brasileiro*. São Paulo: Itáu Cultural: Iluminuras, 2012.

Balanço SPCINE 2 anos de política audiovisual. 2016. Disponível em: https://issuu.com/spcine/docs/2016-12-10_spcinerevisado_1. Acesso em: 04/2018.

BALLERINI, Frantjesco. *Cinema brasileiro no século 21: reflexões de cineastas, produtores, distribuidores, exibidores, artistas, críticos e legisladores sobre os rumos da cinematografia nacional*. São Paulo: Summus, 2012.

BONDUKI, Nabil. *Spcine: Instrumento estratégico para o desenvolvimento do audiovisual na cidade*. In: *Balanço SPCINE 2 anos*. 2016. Disponível em: https://issuu.com/spcine/docs/2016-12-10_spcinerevisado_1. Acesso em: 04/2018.

IKEDA, Marcelo. *Cinema Brasileiro a partir da retomada: aspectos econômicos e políticos*. São Paulo: Summus, 2015

MANEVY, Alfredo. *São Paulo, cidade aberta*. In: *Balanço SPCINE 2 anos*. 2016. Disponível em: https://issuu.com/spcine/docs/2016-12-10_spcinerevisado_1. Acesso em: 04/2018.

MARIANO, Guilherme. *Circuito comemora dois anos de vida*. 2018. Disponível em: <http://spcine.com.br/circuito-comemora-dois-anos-de-vida/>. Acesso em: 05/2018.

MELEIRO, Alessandra. *Cinema e Mercado*. São Paulo: Escrituras, 2009.

SANTINON, Letícia. **Letícia Santinon**: depoimento [jun. 2018]. Entrevistador: Bruno Cucio. São Paulo.

SENNA, Orlando. *Audiovisual e construção de identidades*. In: *Balanço SPCINE 2 anos*. 2016. Disponível em: https://issuu.com/spcine/docs/2016-12-10_spcinerevisado_1. Acesso em: 04/2018.

SIMIS, Anita. *Marcos na exibição de filmes no Brasil*. In: *Políticas Culturais em Revista*, v. 10, n.2. Salvador, 2017.

Fontes utilizadas

Spcine. Disponível em: <http://spcine.com.br/>. Acesso em: 05/2018.

BALANÇO Spcine 2 anos de política audiovisual. https://issuu.com/spcine/docs/2016-12-10_spcinerevisado_1. Acesso em: 04/2018.

- OCA (Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual). *Mercado audiovisual brasileiro 2017*. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/mercado-audiovisual-brasileiro>. Acesso em 05/2018.

- ANCINE (Agência Nacional do Cinema Brasileiro). *Informe de Mercado: Segmentos de salas de exibição – Informe anual preliminar 2017*. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_preliminar_2017_0.pdf.

Acesso em 05/2018.